

SOBRE UMA DÍVIDA

Adriana Helena de Oliveira ALBANO*

- **RESUMO:** Este artigo estuda a culpa na poética memorialista de Carlos Drummond de Andrade (1974, 1979) por meio de dois poemas, “Justificação”, encontrado em *Menino Antigo* e “O viajante pedestre”, encontrado em *Esquecer para Lembrar*. Utilizaremos como aparato teórico a desconstrução proposta por Jacques Derrida para discutir a relação do sujeito com a escrita de memória e com a culpa oriunda dessa rememoração.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Drummond. Memória. Derrida.

Impossível reconhecer teu rosto, mas sei que és tu.
Vem da névoa, das memórias, dos baús atulhados,
Da monarquia, da escravidão, da tirania familiar.

Carlos Drummond de Andrade (2003, p.182-183).

Não apenas a razão dos milênios – também a sua
loucura rompe em nós. *É perigoso ser herdeiros*

Nietzsche (1995, p.72)

O passado\presente

A lírica da memória permitiu ao personagem *gauche* a tentativa de realizar a criação do mundo pretérito a partir das relações que estabelece com o ambiente familiar no plano linguístico. Nesse espaço, as lembranças que evocam objetos, personagens e acontecimentos tornaram-se parte constitutiva da subjetividade por meio do processo de diferença¹, deslocamento, reconhecimento e assimilação

* UNESP – Universidade Estadual Paulista. IBILCE. Departamento de Letras. São José do Rio Preto – SP – Brasil. 15054-000 – drikaalbano@yahoo.com.

¹ Nesse processo, segundo Derrida (1991, p.107, grifo do autor), cria-se um suplemento de escrita que re-inaugura a origem a todo momento porque o suplemento também é re-inaugurado no momento da escrita: “O suplemento se dá como *diferença e repetição*, da diferença como repetição de um ponto a outro, desativando o *centro*, multiplicando os pólos, promovendo as bordas, ativando a periferia e re-marcando as margens, ‘identidade’ ‘e’ ‘diferença’, iteração-alteração, repetição ‘como’ *différance*”.

Artigo recebido em 23 de Junho de 2011 e aprovado em 25 de Agosto de 2011.

daquilo que compõe o universo pueril no tempo presente, e o movimento passou a ser o de releitura. Tal movimento foi observado no capítulo anterior como constante reformulação da identidade a partir da temporalidade e dos temas que desenvolve. Quando o poeta expressa a relação de diferença e a não identificação ocasionada pela dissolução do tempo, observamos que a perda inevitável de unidade em ambos é também perda de si como presença, o que provoca o desejo de reencontro e reunião da subjetividade.

Ao descrever as relações com a vida campesina nas memórias, percebemos o sentimento de distância e solidão, pois as características da personalidade do eu lírico surgem de modo subentendido como mote do afastamento do ambiente familiar. Nas descrições dos personagens que vivem no entorno, a objetividade crítica é marcante como modo de distanciamento que garantiria a imparcialidade e consequente “verdade” das afirmações. Tudo isso traduzido pela linguagem inquieta e questionadora que nasce da apreciação do mundo filtrada pelo tom lírico e prosaico. Esses se alternam dramaticamente disseminando momentos de subjetividade em meio a poemas que, em princípio, pretendiam-se predominantemente objetivos.

Estudaremos nos poemas “O viajante pedestre”, encontrado em *Esquecer para lembrar*: boitempo-III (ANDRADE, 1979) e “Justificação”, encontrado em *Menino antigo*: boitempo-II (ANDRADE, 1974), como a tensão entre a linguagem que se tenta objetiva, mas acaba subjetiva (devido ao descentramento² do eu textual no desenrolar dos poemas), funciona como elemento importante na interpretação do sentimento de culpa. No momento em que o processo de contaminação pela subjetividade se dá (o retorno da sensação de não cumprimento do desejo paterno aberto pela representação das cenas familiares) a problemática da culpa em relação ao passado se faz presente, anunciada pela reinterpretção dessa distância da origem, que acaba se alargando ainda mais quando o texto legitima que a participação na história familiar não corresponde ao sentimento de pertencimento a essa mesma história. Assim, uma nova “realidade” é criada ao negociar esse suplemento³ ou o

² O conceito de descentramento do sujeito que utilizamos concorda com as interpretações de Evandro Nascimento (2001, p.183) sobre a *différance* derridiana: “[...] a economia geral da *différance* a des-limita, lançando-a para além de si própria e de sua lei fechada, tornando-a irreconhecível de si para consigo e abrindo-a para o horizonte do i-limitado”.

³ A lógica do suplemento derridiano está intimamente ligada ao conceito de *différance*, ambos “vêm depois” e dividem a origem compondo-a numa unidade sempre adiada, jamais situável. A suplementaridade desconstrói a noção de totalidade e estabelece a presença da diferença, dá uma idéia de “falta” na estrutura do original, “Tudo começa pela reprodução. Sempre já, isto é, depósitos de um sentido que nunca esteve presente, cujo presente significado é sempre reconstituído mais tarde, *nachträglich*, posteriormente, suplementarmente: *nachträglich* também significa suplementar. O apelo do suplemento é aqui originário e escava aquilo que se reconstitui mais tarde como presente. O suplemento, aquilo que parece acrescentar-se como um pleno a um pleno, é também aquilo que supre.” (DERRIDA, 2002, p.200). Constitui principalmente um ato de acrescentar, mas que não significa necessariamente somar, e sim alterar. Dentro do processo retroativo do suplemento nenhum elemento re-produzido volta em sua pureza. Nas memórias, a suplementaridade da escrita do eu propõe uma reavaliação,

“excesso”. Nele acontece a releitura que revela intransponível o distanciamento porque o reúne novamente. Acontecimento textual que sobrecarrega sua culpa. Quando o personagem deixa transparecer os movimentos mais íntimos, a temporalidade não linear dos relatos poéticos propõe o sentimento de culpa oriundo do presente da escrita.

Podemos dizer que, principalmente nos poemas em que a relação com o pai é colocada, a escrita aproxima-se do texto dramático porque tudo se mostra por meio das falas que são sentenças dadas objetivamente. Nenhuma é sem propósito ou descartável. O pai oprime e dita a lei, ao mesmo tempo em que possibilita o auto-reconhecimento, o avô é o impiedoso fazendeiro dono de escravos; o padre representa, contrariamente à sua função de sacerdote divino, o inferno. Conotações negativas que, superpostas, se acumulam para formular aquilo que motiva e intui o modo de leitura que consiste na percepção do passado como ambiente sem relações afetivas estreitas, sem a relação íntima de carinho e amor que possibilitaria a reconciliação desejada e buscada:

[...]

O fazendeiro descansa
de um trabalho que vem de antes
de ter nascido. Vem de índios
e mineradores.
Cumpriu sua lei. Agora os filhos
cumpram a deles.
Mas um não sabe a cor da terra,
nunca aprendeu, nem saberá
a rude física das estações;
o jeito de um boi; a sagração do milho.
Que fará na roça esse herdeiro triste
de um poder antigo?

Desiste. Vai
viver o destino urbano
de qualquer homem.

[...]

ao mesmo tempo em que provoca um distanciamento desse *eu* de si para ver o *outro* que ele se tornou, num movimento duplo de alteridade, interna e externa.

— A gente vai mesmo de-a pé. Eu na frente, como viajante e senhor. Você atrás, com mala nas costas. Ate eu pegar o trem no fim das oito léguas. Combinado?

[...]

Lá vai, degrado, a pé.

[...]

— Meu pai, cheguei a salvo e muito de mim contente pela prova de resistência que venci com a graça de Deus e a fibra que o senhor me transmitiu. Que tal?

— Que tal? E ainda tem topete

de perguntar que gostei?

Pode haver maior afronta

para antigo fazendeiro

dono de cinco estirões

de chão coberto de mulas

e cavalos valorosos

que ver seu filho varando

pior que descalço, a pé

[...]

Já nem sei onde é que estou

que não sumo de mim mesmo,

de tão dorida vergonha

por meu filho desmontado

e por cima se gabando

da condição rebaixada!

Meu pai, meu avô, meu bisa-

vô de nobres equipagens

lá no céu dos fazendeiros

estão despedindo raios

de irada condenação

sobre esse tonto rebento

que nem noção de decoro

conserva em sua tonteza...

Com você, filho, começa

a desabar a família. (ANDRADE, 1979, p.39-42).

A dramatização do acontecido distancia o eu lírico dos afetos negociados na composição da complexa relação com o passado como tentativa de garantir a imparcialidade do autor. O poema, dessa forma, se aproxima dos “causos” mineiros que narram um acontecimento “extraordinário” na região, como o fato do filho de um poderoso fazendeiro andar a pé até a estação de trem. Os personagens dessa história, “o fazendeiro” e o “filho do fazendeiro”, são identificados pelo leitor por suas atitudes, não pelo nome próprio, como se outras identidades se estabelecessem ali, descoladas dos sujeitos empíricos “reais”, estratégia que provoca a ilusão de distanciamento do eu escrevente cujo propósito é dissimular o sentimento de culpa dirigido a si mesmo pela impossibilidade de corresponder aos desejos da hereditariedade, mesmo quanto pretende ser motivo de orgulho pela resistência física, tão cara ao ambiente campesino. Os primeiros versos do trecho citado acima colocam o pai na mesma posição do eu lírico outrora, pois este também sente o peso das gerações anteriores. Entretanto, cumpriu seu destino, aquele ditado pelo clã ligado a terra, e espera que os filhos realizem o mesmo trabalho como destino já traçado. Aqui, o distanciamento e a culpa também acontecem por meio da aproximação, uma vez que tais valores estão presentes no escrevente no momento da escritura. Como afirma Beckett ao analisar Proust:

Não há como fugir do ontem porque ontem nos deformou, ou foi por nós deformado. [...] Ontem não é um marco de estrada ultrapassado, mas um diamante na estrada batida dos anos e irremediavelmente parte de nós, dentro de nós, pesado e perigoso. (BECKETT, 2003, p.11).

Para o autor, o tempo é um monstro de duas cabeças: danação e salvação. O ontem nos deformou ou nós a ele, num caminho de morte constante, morte na/da vida para que esta se fizesse. A possibilidade de existência individual só torna-se possível num caminho de morte e vida, do retorno para que o processo de reflexão sobre si possa ser realizado, esse é objetivo da escrita. Não podemos controlar a memória ou os fatos evocados, tanto porque o que obtemos do real é apenas uma caricatura, quanto porque não há possibilidade de identificação do sujeito com o objeto desejado. No caso da autobiografia, a identificação do autor com o narrador. Para Beckett a personalidade constantemente modificada é fruto mais uma vez da passagem do tempo no interior da subjetividade. Quando se estabelece como o *torto* dentro de tal meio, pois “não sabe a cor da terra, / nunca aprendeu, nem saberá / a rude física das estações”, torna-se também um “herdeiro triste / de um poder antigo” – essa imagem do triste aparece novamente no poema “Inimigo”, em que o menino deseja vencer o medo, quer brigar e xingar, “e todos ouvirão. / Fui eu quem disse. O magricela. O triste.” (ANDRADE, 2003, p.982-983), remete à autoimagem como triste – o que acontece porque se por um lado “[...] sua liberdade pessoal só poderia ser alcançada após uma luta violenta contra a autoridade paterna

ou uma verdadeira ruptura com a estrutura autoritária da família” (SANT’ANNA, 1977, p.53), por outro, segundo Lacan (1985), na ordem simbólica da linguagem, o papel mais importante do pai não está nos laços de sangue ou nas vivências, mas nas palavras que significam a Lei. Dessa forma, percebemos que pai e filho unem-se pela hereditariedade e afastam-se pela não correspondência das atitudes, pois no mundo dos Andrade, a atitude paterna teria que determinar a de seus descendentes. Unidos pela genealogia e separados pelos caminhos escolhidos, o texto torna a reuni-los e afirma a não correspondência, repete e aumenta a distância mais uma vez metaforizada pela viagem, pela errância daquele que busca sua verdade.

No verso “Desiste. Vai” os verbos separados por ponto final apresentam a sequência da ruptura entre os dois, mas o fato de estarem no mesmo verso e não separados, indica a estreita ligação entre pai e filho apesar da, já muito analisada, pouca comunicação entre eles. Muitas vezes, os poemas que apresentam essa pouca ou ausente comunicação comunicam o desejo insistente do menino em se aproximar da figura do progenitor. A ruptura, sob o olhar paterno, significa a não diferenciação dentro de outro mundo, o urbano, pois seria parte da “massa”, nesse espaço outros campos de tensão também se formariam para que o sujeito determinasse a sua individualidade. Lá, o jovem perderia a posição de filho de fazendeiro, que lhe garantia alguns privilégios. Estabelece-se o jogo identificação/diferença que compõe a subjetividade *gauche*. É interessante notar que no poema “Infância”, de *Alguma Poesia* (ANDRADE, 2003), a origem única entre pai e filho garante a diferenciação e a individualidade, tornando a história do “menino antigo” “mais bonita que a de Robinson Crusoé”. Nada mais individual do que se afirmar pela diferença da origem, pela história de vida única de “menino entre mangueiras”. A escrita de memória aqui funciona então como a força que liberta a obra do tempo, libertando autor e obra de qualquer tentativa de fixidez, já que o escritor, num processo de deslizamento, percorre um caminho traçado por si mesmo, mas sem ponto de chegada. À medida que o “menino antigo” afirma sua personalidade que vai de encontro às tradições do grupo familiar, uma série de outras considerações são formuladas, muitas paradoxais, que se abrem a novas considerações poéticas. O texto produz a distância e o lugar de si, ao mesmo tempo que se distancia de si mesmo: de poder exonerar a falta.

O “herdeiro triste / de um poder antigo” (ANDRADE, 1979, p.39) na temporalidade fragmentada que condensa passado, presente e futuro, orgulha-se de não utilizar meio de transporte e tal resistência remete à origem de desbravadores das serras mineiras como identificação parcial: um ganho para a personalidade que no movimento suplementar de retorno, realiza a aproximação tão desejada no presente. Entretanto, a atitude de caminhar condena a existência do “tonto” a ser responsável pela decadência da família que é dada por si mesmo, uma vez que o sujeito que fala é aquele de quem se fala. O passado não correspondido condena-o à culpa pelas atitudes

que ameaçam a permanência da tradição que o eu lírico não pôde dar continuidade, já que seu destino era outro. O vínculo com a ordem fazendeira foi rompido em outro tempo e não há modo de restabelecê-lo.

Sendo assim, o eu poético, ao retornar constantemente aos temas da terra e família, tenta negociar o sentimento de culpa que aparece devido à necessidade de distanciamento do clá que tolhia as escolhas individuais. Para o sujeito das memórias, “O abandono da terra dos ancestrais era somente o primeiro ato de uma liberdade que se queria absoluta” (VITIELO, 2000, p.156). Essa é uma frase utilizada por Vincenzo Vitiello (2000) ao interpretar a religião em Hegel⁴. O autor ao falar sobre a história de Abraão, denuncia a necessidade do rompimento com a família como pacto a ser renovado constantemente pelo sacrifício. Um destes pactos é a extrema solidão do personagem mítico. O mito da errância do povo em terras que lhes são desconhecidas nos serve de analogia, porque, da mesma forma, o personagem das memórias não possui uma causa exterior que justifique as atitudes de abandono da terra dos ancestrais, o desejo é pessoal, mas determinado também por entidade misteriosa, o anjo, que como vimos, é também parte do eu. Por isso, reconstrói uma genealogia repressora que justifique o rompimento tão desejado. Essa é sua desculpa por seguir o próprio caminho em função da culpa gerada pela escolha, por falar em primeira pessoa. Acontecimento que precisa ser renovado a cada momento da escritura, pois estabelece infinitamente o lugar da subjetividade, ou o entre-lugar, já que nunca irá se definir de forma absoluta.

A poética da justificativa

No poema “Justificação” (ANDRADE, 1974), podemos notar esse movimento descritivo inicial – a justificativa do rompimento a partir da caracterização da genealogia como repressora – condição do sujeito lírico, como procedimento de um movimento mais complexo no qual a escrita se estabelece a partir da desculpa de si a si, auto-justificação que torna cada vez mais distante o auto-perdão. É a

⁴ O texto de Vincenzo Vitiello (2000) “Deserto, *Érthos*, Abandono: contribuição para uma topologia do abandono” encontra-se no livro *A Religião*, organizado por Jacques Derrida e Gianni Vattimo. Entendemos que os estudos desse autor sobre a relação entre errância e terra natal que compõem a história ocidental cristã (o mito de Abraão e de Moisés) se relacionam com a poética autobiográfica drummondiana na medida em que em ambos o mito da origem em sua presença/ausência corresponde ao distanciamento para a afirmação da própria identidade, “Ora disse o Senhor a Abraão: ‘Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, e vai para a terra que te mostrarei; de ti farei uma grande nação e abençoar-te-ei e engrader-te-ei o nome’ (Gên., 12, 1-2)”. Já Moisés “tem o nascimento diante de si, como meta a ser conquistada. Para fazê-lo, tem de se afastar de ambas as comunidades a que pertence, mesmo não lhes pertencendo. Moisés encontrará a sua pátria de ‘peregrino em terra estrangeira’ (Êx., 2, 22). [...] Moisés não se reconhece em seu povo senão na errância. Terra, pátria, para ele, é só deserto – a ausência de pátria. A origem é perigo e ameaça de morte.” (VITIELO, 2000, p.154).

estratégia utilizada como forma de assegurar parte da indenidade (tentativa de descontaminação da subjetividade por meio da purificação do erro cometido, do abandono da terra natal e suas tradições agrárias e familiares, modo de reunião que busca o estado antes do rompimento com as demandas da hereditariedade) num movimento de purificação que é complementado pelo ato de confissão que veremos no capítulo a seguir. No poema, o autor apresenta o mundo no qual inicia suas vivências de menino: um ambiente feito de acordos nas relações interpessoais:

Não é fácil nascer novo.
Estou nascendo em Vila Nova da Rainha,
Cresço no rasto dos primeiros exploradores,
com essa capela por cima, essa mina por baixo.
Os liberais me empurram pra frente,
os conservadores me dão um tranco,
se é que todos não me atrapalham.
E as alianças de família,
o monsenhor, a Câmara, os seleiros,
o bezerros mugindo no clariscuro, a bota,
o chão vendido, o laço, a louça azul chinesa.
o leite das crioulas escorrendo no terreiro,
a procissão de fatos repassando, calcando
minha barriga retardatária,
as escrituras da consciência, o pilão
de pilar lembranças. Não é fácil
nascer e agüentar as conseqüências
vindas de muito longe preparadas
em caixote de ferro e letra grande.
Nascer de novo? Tudo foi previsto
e proibido
no Antigo Testamento do Brasil. (ANDRADE, 1974, p.7).

O poeta se apresenta como oriundo do contexto familiar tradicionalmente mineiro de base agrícola e latifundiária, e essa origem aparece nas descrições da hierarquia familiar e nas relações simbólicas que gerava a sua volta – o olhar do poder patriarcal inquestionável e movido por fortes tradições. O título do poema nos orienta rumo à interpretação da presença do movimento da retórica da desculpa, do discurso de auto-justificativa. Existe a necessidade em explicar as razões que o tornaram tal como se apresenta a si: o sujeito à margem da ordem social itabirana e principalmente

familiar. Ora, se há justificativa, a desculpa pela diferença e inadequação, é porque há a culpa pelo mesmo motivo. Essa articulação rege a organização dos livros estudados, fazendo de suas partes um conjunto coeso diante das reflexões a serem colocadas aqui.

“Justificação”, segundo poema do livro *Menino Antigo* publicado em 1968, encontra-se no conjunto intitulado “Pretérito mais que perfeito” desse livro (ANDRADE, 1974). O primeiro poema é “Documentário”, e se realiza como prefácio dessa obra, indicando a temporalidade instável em que as memórias se situam. Entendemos que o personagem, após definir a nova configuração do relato autobiográfico, pactua com o leitor o lugar de onde fala: daquele que afirma sua inocência, desculpando a si mesmo a partir do presente. Essa percepção é consequência da relação interior/exterior: a força das instituições presente em seu mundo impossibilita a conciliação, e o retorno encontra o obstáculo já presente “há muito tempo”. Há um desejo de desistência frente à realidade desconforme que se descarrega sobre si, mas o personagem reage e a reação é o rompimento. Novamente, no primeiro verso, usa-se o recurso que garante o tom de proposição quando se utiliza do ponto final e indica o assunto a ser tratado: o fato de “nascer novo” em um mundo velho, preso a tradições consolidadas às quais ele tem que se adequar. A primeira pessoa do singular empregada no poema, assim como os verbos, em sua maioria, no presente, aproximam o leitor ao mesmo tempo em que garantem a “verdade” da enunciação, verdade subjetiva, que é a única a qual se pode ter acesso. Tal estratégia reforça a afirmação da personalidade como consciente de sua condição de desordem e incoerência: de culpa pelo exílio na própria terra natal. Esse é seu drama original, a não aceitação no meio externo na inocência do nascimento e da infância.

A responsabilidade originária, que nasce também com o cristianismo, causa um processo de cicatrização sem fim à medida que aquilo que o “menino antigo” afirma passa a ser a sua verdade. Verdade que o afasta da terra da meninice ao mesmo tempo em que o reúne nesses dois extremos. Identificamos no poema a voz do eu atual, o velho, que narra o passado rumo ao futuro; entretanto, tais temporalidades apresentam-se como presentes na máquina do tempo que pára em momentos significativos que influenciaram de forma contundente a existência do eu lírico. Este se coloca, no quarto verso, como o transeunte comprimido entre a religião, com suas duras leis morais, e a mina que carrega a referência ao sólido poder familiar ao qual precisa responder. Tudo isso, associado aos grupos políticos itabiranos, quinto e sexto versos, pressionam de tal forma que é física a sensação de violação do próprio espaço (“empurram” e “dão um tranco”). No verso “E as alianças de família”, a conjunção aditiva “e” indica o “além de tudo isso”, ou seja, o peso é sacrificial, pois sente as leis e acordos já traçados pela família que tentam impedir a realização pessoal.

O simbólico religioso extremamente castrador na poética das memórias, e que veremos novamente de forma específica, é reafirmado e personificado na figura

do monsenhor, título concedido pelo Papa e que apresenta a força da instituição em Itabira. Colocados no mesmo verso, “monsenhor”, “Câmara” e “seleiros”, os significantes conotam a ligação efetiva das duas instituições com a casa-grande, como se esses poderes se estendessem até o seleiro, tomando todas as partes, até as mais exteriores. A partir do verso seguinte, a gama de imagens passa a referenciar o ambiente da casa paterna. O neologismo por justaposição de adjetivos “clariscuro” expressa o olhar pessoal infante do momento intervalar que anuncia o fim do dia e o início da escuridão da noite, conotando o desengano, o mergulho da subjetividade na treva da tradição sombria. Os significantes religiosos são novamente utilizados nos versos “a procissão de fatos repassando, calcando / minha barriga retardatária, / as escrituras da consciência, o pilão / de pilar lembranças. Não é fácil” (ANDRADE, 1974, p.7). Nesse momento, todo o passado passa a ruminar e o processo, que é o da escrita das memórias, causa sofrimento, uma vez que a “barriga”, metonímia do sujeito “atrasado” em relação à formação das tradições, está em outra temporalidade e não há retorno possível para o eu lírico. O impasse é insolúvel e o eu poético só pode oscilar. O vocábulo “escritura” remete ao campo semântico da temática bíblica presente na subjetividade cindida por meio da fixação do símbolo filtrador das concepções individuais. Acontecimento que se processa porque, diferentemente daquilo que o discurso religioso tenta firmar como fenômeno principal, seu objetivo não é descobrir ou revelar, mas estabelecer um modelo de interpretação. Daí a problemática surge a partir dos afetos do sujeito que destoam das implicações de obediência às leis sociais estreitamente associadas às concepções religiosas, uma tão rígida quanto a outra. “Procissão” e “pilão” retomam o movimento de ruminação que “Não é fácil”: a primeira identifica o lento movimento de negociação dos fatos passados com o presente, e carregados de simbologia religiosa; já o segundo apresenta esfacelamento da formação do eu presente rumo às articulações com as considerações sociais. Nenhum mundo nasce com o sujeito, principalmente aquele que se impõe pela linguagem.

Entretanto, na poética drummondiana, a força daquilo que comprime está presente no seio da família que funciona como o poder de controle no ambiente íntimo, particular. Não há o que fazer diante das “alianças de família” e das “escrituras da consciência”, sempre presentes no trabalho de “pilar lembranças”. A consciência que se apresenta na escrita, controle mais eficaz, o acompanha todo o momento e até o fim. Faz parte do sujeito, do que ele produziu e produz. O eu poético não participou das decisões tomadas outrora e só tem acesso às suas “conseqüências / vindas de muito longe”, “em caixote de ferro e letra grande” (ANDRADE, 1974, p.7). A privação e a clausura proporcionadas pelos acordos de família causam o desejo de “Nascer de novo”. Algo que se torna inútil devido à eficácia do sistema. Tudo “foi previsto / e proibido / no Antigo Testamento do Brasil” (ANDRADE, 1974, p.7). De acordo

com o poema, a existência pretérita na cidade natal era praticamente insuportável, o que teria gerado o movimento de afastamento.

A insolação, na verdade, é o que desencadeou a ação diante da recusa dos personagens familiares em discernir e reconhecer valores caros ao eu lírico. Tal desajuste produz o sentimento de isolamento em relação ao mundo, como nos poemas em que Robinson Crusoe e a ilha são colocados como a metáfora do viajante que se isola de sua cultura. Todavia, o desengano gerado acontece como fruto da dolorosa tentativa de inserção no meio, uma vez que o desejo do sujeito das memórias é o de conciliação por meio da urgência do retorno. Essa tentativa é a ação, é a escrita que tenta negociar o afastamento por meio da aproximação no texto, que também acaba gerando novo afastamento, por isso o sentido final está sempre por vir, e move a construção do discurso. A paralisia em relação às dores do passado não permitiria que o texto poético avançasse em temas variados e as memórias poéticas trabalhassem tanto a linguagem quanto a subjetividade apresentada. Existe certa unidade entre criador e criatura, um não pode existir sem o outro, o texto de rememoração só é “escrevível” porque a genealogia, o passado, mesmo dissolvido, está inserido no presente da escritura.

Os temas recorrentes como a relação com as tradições vindas do pai estão intimamente ligados à relação com a genealogia, com a religião, a sexualidade e o negro. Esses temas determinam um conjunto de considerações sobre o sujeito poético na constituição de sua identidade do qual destacamos o discurso da desculpa em função de um sentimento de culpa, o que se dá tanto como modo de ação quanto do seu oposto, como não ação e tudo isso dentro da escrita como situação que representa o drama do *gauche*. As polaridades como o desejo e a religião, o campo e a cidade, a liberdade e a educação, a aptidão literária e a campesina não se tornam excludentes, pois, na verdade, surgem como complementares na medida em que reafirmam a escolha e o posicionamento daquele que é estranho ao meio. A ausência de atitude também é resistência, e atua como força desconstrutora nas relações interpessoais. Essas relações aproximam e distanciam a possibilidade de identificação e nesse espaçamento o texto é produzido, nele “A consciência intencional se vê diferida de si própria, interrompida em sua auto-afecção que lhe daria suposta identidade” (NASCIMENTO, 2001, p.148). O espaçamento promovido pela não identificação é reproduzido infinitamente retardando o momento “final” e absoluto da identificação. A cadeia não se interrompe porque os pontos de tensão em que repousa a linguagem dos livros de memória dispersam e reúnem a expressão do sentimento de culpa rearticulando a subjetividade. Acreditamos que tais pontos de tensão propõem uma das múltiplas chaves da obra poética do itabirano quando, no movimento de dispersão, retornam em diferentes expressões do modo como o eu lírico percebe a si mesmo diante dos acontecimentos pretéritos e presentes.

Considerações finais

O texto memorialista tenta vencer a distância que separa e religa o pensamento de si com aquilo que não está presente diretamente como projeto de escrita, e dessa forma o texto torna-se o modo com o qual o sujeito poético passa a se conhecer pelas escolhas que realiza. Nessas “novas” escolhas, não se identifica com aquele que iniciou o ato da escritura. Nesse caminho, o eu lírico consegue expressar momentos marcados em que se verificam diversos aspectos antagônicos de sua infância, que acabam por enriquecer as memórias. Tanto uma visão positiva das experiências quanto negativa estão presentes e determinam a estratégia de composição como modo de dizer tudo sobre a família e o espaço das vivências. Assim como Sant’Anna (1977, p.22), entendemos que

Pode-se, portanto, dizer que a biografia é a melhor poesia que um poeta consegue de si mesmo. Aí ele se transcendentaliza, revertendo-se numa imaginação de si próprio. Isto não torna a poesia menos verdadeira que a vida. Acontece uma integração tal, que a vida é que passa a ser imaginação em torno de uma obra concretamente realizada.

Sem a justaposição de elementos simbólicos que caracterizam os espaços em que o personagem dramático vive as contradições das experiências, a poética da desculpa não seria perceptível como motivadora de um modo de expressividade, e o seu estudo não passaria de um olhar ingênuo que impossibilitaria a percepção das estratégias retóricas. Enxergamos que a própria estrutura da obra indica a culpa como chave de entendimento por meio da ressonância da completa falta de adequação de seu mundo interior/exterior.

A persona poética, movida pelo desejo de reviver as experiências passadas, vai prolongando a descrição do que permanece como significado do ontem deixado no presente. Todavia, precisa primeiro articular a intromissão da fissura do sujeito com as gerações anteriores. A linguagem metafórica garante os atributos de um poder frio e distante na descrição das relações, nos versos “contribuirão para a grandeza / do eterno tronco familiar, / bem mais precioso que as pessoas/ [...] em mescla de sangue e dinheiro” (ANDRADE, 1979, p.38), os termos desvelam a vida trazendo à luz o caráter crítico do eu lírico que reconstrói a própria memória por meio de uma ordem social localizada. A partir destes traços assinalados, acontece o contágio do mundo que gera sua reinterpretação. O não ajustamento à ordem produz signos de evasão que o assombra e desencadeiam a metamorfose, “E santo já não sou, / mas barro e palavrão, / humana falha, signo terrestre.” (ANDRADE, 1979, p.119), indissociáveis de sua personalidade para sempre, os signos deslocam – movimento que não tem princípio nem fim e consiste na articulação entre o passado/presente

e o processo de escrita/leitura no ato do preenchimento da folha em branco – e criam um sistema cuja base é o processo de iterabilidade⁵, definido por Derrida (1991, p.120) como algo que “[...] altera, parasita e contamina o que ela identifica e permite repetir”. A iterabilidade, no processo de interiorização do nome próprio, acontece como tentativa infinita de correspondência entre o *eu* e aquele que se esconde atrás do nome e que se mostra através da escrita. Em tal processo, a tentativa de reconhecimento e referência realiza um trabalho de autoconhecimento produzido pela iteração com a alteridade. É um trabalho que se estrutura na forma de um abismo compondo uma escritura que caminha para o sem fim, para o porvir.

Tal posicionamento de diversidade não ocorreu como a emergência da diferenciação caprichosa diante de determinado pensamento retrógrado, mas como resposta às questões colocadas pelo mundo homogeneizante e inevitavelmente arbitrário que o rodeava (“Você tem que obedecer como um cadáver. ‘ / Cadáver obedece? / Tanto vale morrer como viver? / Para isso nos chamam, nos modelam?” – poema “Recusa” (ANDRADE, 2003, p.1107). A multiplicidade textual – a concatenação de personagens, máscaras, temas e ficções – é conduzida pelo jogo e pela rede de associações produzidas pelo processo de iterabilidade que mostra na identidade lírica os desdobramentos dos traços desse “outro” (o mundo externo: a evocação de retratos morais, costumes e tradição). O poeta reconstrói então o espaço que se constitui em sua diferenciação e que por isto nunca a si mesmo retorna, que em nada se fixa e a lugar algum se dirige especificamente, e no qual a experiência do sujeito autônomo, homogêneo e presente a si mesmo torna-se rarefeita, o que resta são suas contradições (“Sou um ser estilhaçado / que faz do medo o seu gozo.” – poema “Adeus ao Colégio” (ANDRADE, 2003, p.1124).

ALBANO, A. H. de O. About a debt. **Revista de Letras**, São Paulo, v.51, n.1, p.43-56, jan./jun. 2011.

⁵ Para Derrida, uma força ilocutória (ou qualquer outra) não é controlável, “[...] com isso, a intencionalidade não é negada, apenas se torna um dos efeitos possíveis do sistema. É a iterabilidade que permite entender a intencionalidade, e não o contrário, ou seja, não é esta que enquadra legitimamente aquela como índice do ‘estiolamento’ da linguagem. Repetir, citar, recitar, em suma, são funções parciais de uma iterabilidade geral através da qual a força atua transmitindo a marca, o signo, a frase, o enunciado etc. [...] A iterabilidade da marca é estruturante em toda comunicação, a qual perde seu caráter de transmissão do sentido intencional, para indicar tão-somente esse momento em que uma marca *se divide*.” (NASCIMENTO, 2001, 159-160, grifo do autor).

- **ABSTRACT:** *This article studies the guilt in poetic memorialist of Carlos Drummond de Andrade (1974, 1979) by two poems, “Justificação”, found in Menino Antigo and “O viajante pedestre”, found in Esquecer para Lembrar. We will use deconstruction as a theoretical apparatus proposed by Jacques Derrida to discuss the relationship between subject and writing memory and the guilt of this remembering.*
- **KEYWORDS:** *Drummond. Memories. Derrida.*

Referências

ANDRADE, C. D. de. **Menino antigo:** boitempo-II. 2.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1974.

_____. **Esquecer para lembrar:** boitempo-III. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1979.

_____. **Poesia completa.** Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003.

BECKETT, S. **Proust.** Tradução de Arthur Nestrovski. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

DERRIDA, J. **INC.** Tradução de Constança M. Cesar. Campinas: Papirus, 1991.

_____. **A escritura e a diferença.** 3.ed. Tradução de Maria Beatriz M. N. da Silva. São Paulo: Perspectiva, 2002.

LACAN, J. **O seminário:** livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1985.

NASCIMENTO, E. **Derrida e a literatura:** notas de literatura e filosofia nos textos de desconstrução. 2.ed. Niterói: EdUFF, 2001.

NIETZSCHE, F. **Assim falou Zarathustra.** Tradução de Mário da Silva. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SANT'ANNA, A. R. de. **Carlos Drummond de Andrade:** análise da obra. 2.ed. Rio de Janeiro: Documentário, 1977.

VITIELO, V. Deserto, Éthos, abandono. In: DERRIDA, J.; VATTIMO, G. (Org.). **A religião:** o seminário de Capri. São Paulo: Ed. Estação Liberdade, 2000. p.151-188.